

Lugares da Boa Viagem, Caxias, Laveiras e Paço d’Arcos: veraneio e vida em sociedade no século XIX

Nesta digressão pelo concelho de Oeiras, prosseguimos viagem pelas “praias”. Junto à costa, logo a seguir à ribeira do Jamor, que tem foz na Cruz Quebrada, encontrava-se o Convento da Boa Viagem – que dava nome ao lugar. Segundo Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. I) em 1873 esta povoação pertencia à freguesia de Carnaxide, ficando «nos arrabaldes a 12 kilometros a Oeste de Lisboa».

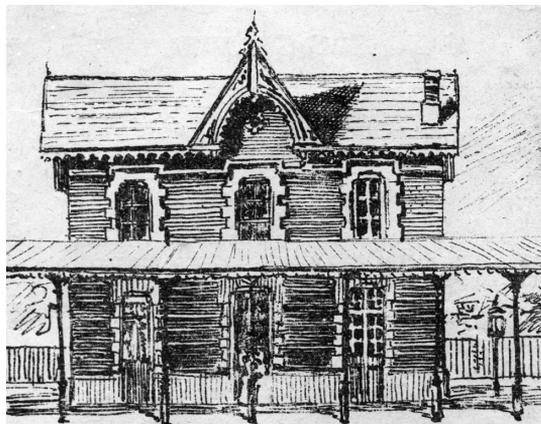
O mesmo autor assegura que, por essa data, funcionava como casa destinada a receber os veraneantes depois de, em 1834, mercê da extinção das ordens religiosas, ter «perdido as suas riquezas e ter sido depois vendido ao sr. Faustino da Gama que d’elle fez uma especie de casa mobilada, que aluga[va] pelo tempo de banhos».

Do antigo convento restou a capela, designada Capela da Boa Viagem, agora integrada no Estádio Nacional – Complexo Desportivo do Jamor.

Alguns quilómetros adiante, percorrendo a costa no sentido este-oeste, fica Caxias. O antigo Paço da Quinta Real de Caxias, Monumento Nacional desde 1953 e considerado o mais notável edificio deste lugar, foi, desde finais do século XVIII, casa de veraneio da família real. A pioneira foi a (então ainda) princesa Carlota Joaquina, que ali se foi banhar pelo ano de 1799. D. Miguel passou o Verão de 1832, neste destino e, mais tarde, a partir de 1834, a imperatriz D. Amélia do Brasil, mulher de D. Pedro IV, «ali estabeleceu residência estival».

Outros veraneantes reais da Quinta de Caxias foram

D. Maria II e D. Fernando – que «vinham passar a época balnear – e D. Luís que ali viveu antes de ir para a Ajuda [o Palácio Nacional da Ajuda]» (Raul Proença, *Praias de Portugal*). Em 1874, Caxias era descrita como «uma povoação de 40 fogos, em situação muito aprasivel, junto à margem direita do Tejo, na extremidade de um vale, onde desagua a ribeira de Barcarena», enquanto a povoação de Laveiras, a norte da anterior, «tinha 60 fogos» (Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. IV).



Estação de Caxias. Publicado em 1889.

Com a implementação da linha de caminho-de-ferro de Cascais, Caxias granjeou de uma estação, o que em muito contribuiu para a intensificação construtiva notada nas décadas seguintes. Em 1906,

escreviam Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues: «tem-se procedido a muitas edificações, que muito concorrem para o desenvolvimento da povoação, tornando-a uma estação balnear de primeira ordem» (*Diccionario historico, chorographico...*, vol. II). O novo meio de transporte impulsionou a construção de várias moradias no então designado Lagoal, em particular na actual avenida Taborda de Magalhães, como a Colónia da Sineta (com projecto de Ventura Terra) ou a Vivenda Castro (com traço de Norte Júnior), ambas com projectos datados de 1910. Só nas décadas seguintes chegariam a Caxias as moradias gizadas por Raul Lino.



Colónia da Sineta, em 1961, assumindo a designação Asilo de Santo António.

(Arquivo Fotográfico da C.M. Lisboa)

Nota: sobre este edifício veja-se o “*Jornal de Paço d’Arcos*”, n.º 13, Out. 2017, p. 24-25.

Ficou no passado o sítio de Caxias como, em 1868, D. José Coutinho de Lencastre descreveu – em que como única edificação de relevo, para além do Paço Real, somente existia a propriedade «com campo e jardim» dos viscondes de Porto Covo da Bandeira [Félix Bernardino da Costa Lobo Bandeira, 2.º visconde], a «residência nobre e elegante que o visconde vae habitar

na epocha dos banhos» (*Passeio de Lisboa a Cascais por mar e terra*). Confiando na descrição romântica, que se crê ser do mesmo autor, consta que na década de 1860 o visconde ali mandou fazer «jardins coquettes e encantados labyrinthos, ruas em differentes e caprichosas direcções, assombreadas por virentes ramagens de vergeis e arvoredos» (*Digressão recreativa: passatempo alegre ou revista do viver das praias...*).

Numa abordagem de cronologia inversa, vejamos que, em 1906, Caxias era descrita como «uma das povoações mais aprazíveis e pittorescas do concelho de Oeiras, muito saudável [e com] uma das praias mais concorridas dos arredores de Lisboa, muito espaçosa e com um areal extensíssimo» (*Diccionario historico, chorographico...*, vol. II), apesar de, em 1868, mercê da ausência de animação a temporada de banhos ter sido descrita como «monótona e sem sabor» (*Passeio de Lisboa a Cascais por mar e terra*).

Ter-se-ia perdido a vida mundana e cultural descrita no *Guia de Portugal* que afiança que, no ano de 1849, no edifício onde era «a casa dos condes de Carvalhal, na antiga rua de S. Félix, inaugurou-se um teatrinho onde subiram a cena algumas burlettes literárias de Garrett, escritas de propósito, como *Falar Verdade a Mentir e Profecias de Bandarra*», entre outras.

A mesma fonte confirma que junto ao forte de S. Bruno viveu, durante alguns anos, num «modesto chalé», o escritor Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres durante a 1.ª Grande Guerra e em 1919 eleito Presidente da República.

Rumemos à povoação de Laveiras, a norte de Caxias. Esta detinha, pelo ano de 1874, mais fogos que Caxias mas era «pobríssima, sem estradas nem commercio» (*Portu-*

gal Antigo e Moderno, vol. IV).

Ali se situa o convento de cartuxos de S. Bruno – o Convento da Cartuxa – fundado em 1595 pela chamada «dama negra» (D. Simoa Godinho), reconstruído em 1736 e, aos dias hoje, bem carecido de salvaguarda.

Em finais da primeira década do século XX, Laveiras era já «um lugarejo alegre, com uma bela avenida e um jardim na praça, pois em lugar dos antigos casebres humildes, havia agora boas casas, algumas isoladas nos seus jardins». No Verão, Laveiras era «um centro animado de banhistas que a poucos minutos teem duas praias – a do Lagoal e a de Caxias» (*Portugal Antigo e Moderno, vol. IV).*

E eis-nos chegados à nossa bem-amada Paço d’Arcos. Esta povoação tinha, no iní-

Nas décadas seguintes muito se terá alterado nesta pacata vila.

Coutinho Lencastre refere que, em 1868, o local era «o ponto mais concorrido à beiramar na epocha dos banhos, por distintas beldades, esbeltas damas e bons cavalheiros da mais fina sociedade», descrevendo a temporada relata «bailes e passeios, soirées e divertimentos, alegrias e festejos, foi uma roda viva e movimento continuo». Eram ali conhecidas as casas do médico Caetano Beirão, «residente na sua casa junto ao forte»; a quinta da Terrugem, de D. Eugénia de Almeida e Vasconcellos; a casa de M. Sperling e de sua esposa D. Mariana Monró; a casa dos Bessone e a do marquês de Fronteira.



Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos, em 2008.

cio do século XVIII, somente 75 fogos, mas já ali existia o palácio com dois torreões, construído em finais do século XV (*Portugal Antigo e Moderno, vol. V*) – o Palácio dos Arcos – que terá dado o nome ao lugar, e foi recentemente adaptado a hotel.

Através de cartografia verificamos que, em meados de Oitocentos, a vila de Paço de Arcos dispunha de um reduzido número de fogos, acompanhando a linha de costa.



Paço de Arcos, em pormenor da “Carta dos Arredores de Lisboa”, Conrado Chelmecki, 1843-1846.

No ano de 1870, estando já estabelecida a vida à beira-mar por parte das elites, consta acerca de Paço de Arcos que «é, tem sido e será sempre, o Éden, o Paraíso, ou encantado jardim das praias» (*Digressão recreativa: passatempo alegre ou revista do viver das*

praias...). Segundo a mesma fonte, nesse Verão ali estiveram D. Fernando e a condessa d'Edla, em casa da família Bessone, onde participaram, entre outras actividades, em saraus musicais. Também o rei D. Luís e a rainha Maria Pia se deslocaram à festa de 20 de Outubro, assinalando o encerramento da época de banhos, o que levou o digressista, nosso relator, a enfatizar que na temporada de banhos – os meses de Setembro e Outubro – do ano de 1870, «não faltou em Paço d'Arcos, Realesa e Fidalguia, atractivos e encantos amabilidade e cortesia, actividade e animação, para que os seus folgares fossem bem alegres».

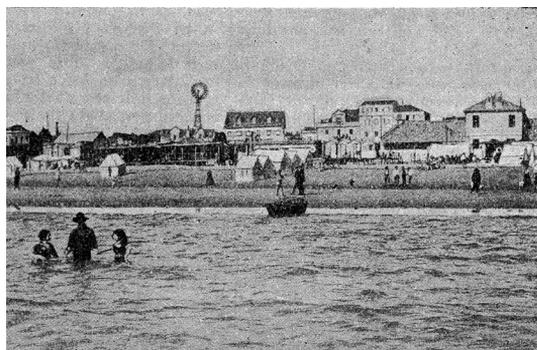
Em Paço de Arcos havia algumas quintas e casas notáveis, como a propriedade que pertenceu ao visconde de Bessone – o palácio Bessone, na quinta do Relógio – que foi depois adquirida pelo conde de Penha Longa. As outras vetustas edificações eram o palácio Alcáçovas – o actual palácio dos Arcos – e o palácio da Mitra.

O ano de 1873, assim como todo o último quartel do século, foi muito importante no que concerne a progressos neste local. Em Setembro desse ano foram concluídas as obras da ermida do bom Jesus dos Navegantes, situada no então Largo do conde das Alcáçovas; e entrou em funcionamento «o grande melhoramento», que foi «a iluminação pública da povoação». Em 1875, Paço de Arcos era uma formosa aldeia, pertencente à freguesia de Oeiras e dispoñdo de 120 fogos. Era então «uma concorridíssima estação de banhos (...) não só pela limpidez das águas, como por se-

rem quasi tão batidas como as da costa do mar, que fica próxima» (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI).

As diversões começavam a abundar. Havia um teatro, «onde se representavam escolhidas peças portuguesas e francezas, por distintos curiosos» (*idem*). A 9 de Setembro de 1875, foi inaugurado o *club de Paço de Arcos*, sob a presidência do marquês de Fronteira. Em 1876, o lugar tinha um hotel habitável – o do Bugio (Ramalho Ortigão, *As Praias de Portugal*).

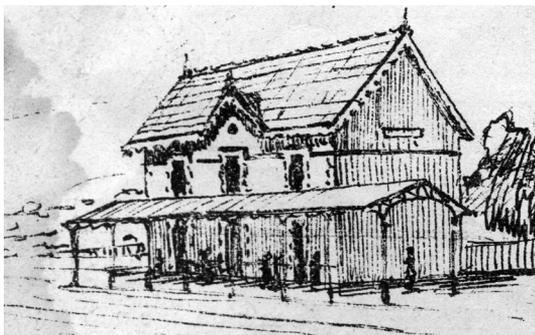
Os progressos ao nível habitacional também mereceram referência, por Pinho Leal, que afirmava que a aldeia, «antes de muito poucos annos será uma das mais bonitas villas das margens do Tejo», acrescentando que «se têm reedificado muitos prédios, e construindo novos, em optimas condições de comodidade e elegância» (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI).



Vista de Paço de Arcos e da sua praia, a partir do rio, em 1911.

Em 1876, Ramalho Ortigão referia-se a Paço de Arcos como «a praia aristocrática dos subúrbios de Lisboa» (*As*

Praias de Portugal). Quando foi construída a linha de caminho-de-ferro, em 1899, a praia de Paço de Arcos era ainda considerada «a praia de luxo dos arredores da capital» (*Guia de Portugal*).



Estação de Paço de Arcos. Publicado em 1889.

No entanto, já em 1908 se havia perdido todo o esplendor desta «praia realmente bonita e desafogada, oferecendo uma bahia para as embarcações pequenas, durante largos tempos muito frequentada pela aristocracia lisbonense ... apenas o marquês da Fronteira sustentava com a sua assiduidade aquella nobre tradição» (*Alberto Pimentel, Portugal pittoresco e illustrado, A extremadura portuguesa*).



Avenida Marquês de Pombal, em Paço de Arcos, em 1911.

Descrevia Esteves Pereira, em 1911, ser Paço de Arcos, ainda, «uma das melhores estações balneares dos arredores de Lisboa, sempre muito concorrida e com uma excelente praia junto à Caldeira». A vila possuía, então, diversas «casas de pasto, casino, escolas d'ambos os sexos, hospedarias, medico, pharmacia, Philharmonica de Instrução Musical, teatro, club de Paço d'Arcos, avenidas do Marquês de Pombal e Patrão Joaquim Lopes» (*Portugal Antigo e Moderno, vol. V*). Partimos da bem-amada Paço d'Arcos rumo a Oeiras. Até ao próximo número, bom veraneio.

Alexandra de Carvalho Antunes